

## ***O delírio do verbo. Uma reflexão em torno de características teórico-metodológicas da TOPE***

*The delirium of the verb. On the theoretical-methodological characteristics of TOPE*

Helena Topa Valentim<sup>1</sup>  
Universidade NOVA de Lisboa / CLUNL

♦ **RESUMO:** Com o objetivo de revisitar algumas características teórico-metodológicas da TOPE, não se opta, neste artigo, por uma reflexão sistematizadora sobre a identidade na variação de uma forma linguística nem pela exploração teórica em torno de um qualquer conceito. Convocar-se-á, antes, para tal, alguns outros objetos, de natureza diversa. Alguns serão linguísticos, problematizações a partir de observáveis. Outros correspondem a textos de autores não linguistas, sobretudo de escritores e de poetas, que comportam intuições aproximáveis, ou mesmo em convergência com características teórico-metodológicas da TOPE. O mesmo se passa com outros objetos, no caso, não linguísticos, por exemplo, imagens ou instalações artísticas, que constituem outras formas de pensamento, não linguístico, e que, segundo propomos, auxiliam na compreensão de conceitos teóricos da TOPE.

Procura-se dar um fio condutor à sequência destes fenómenos, com hipóteses descritivas baseadas no programa de trabalho culioliano, mas – frise-se – sem uma pretensão sistematizadora, mesmo quando cada caso o permitisse perspetivar. Propõe-se, por conseguinte, um levantar de problemas, numa perspetiva problematizadora e fundamentada no programa de trabalho de Culioli.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** TOPE; nível cognitivo; deformabilidade; relações lexicais; complementaridade linguística.

♦ **ABSTRACT:** With the aim of revisiting some theoretical-methodological characteristics of TOPE, this article does not focus on a systematizing reflection on identity in the variation of a linguistic form or on a theoretical exploration around any concept. We will make use of some objects, of a different nature. Some of them will be linguistic observable data constituted as problematizations for description. Others correspond to texts by non-linguist authors, especially by writers and poets, which contain intuitions which are similar or even in convergence with TOPE's theoretical-methodological characteristics. The same is true for other objects, in this case, non-linguistic objects, for example, images or artistic installations, which constitute other forms of non-linguistic thought, and which, as we propose, can help in the understanding of TOPE's theoretical concepts.

The aim of this paper is to give a guideline to the sequence of these phenomena, with descriptive hypotheses based on the Culiolian work program, but – it should be emphasized – without a systematizing pretension, even when each case would allow it. It brings me, therefore, a raising of problems, in a problematizing perspective and based on Culioli's work program. Therefore, we propose a survey of problems, in a problematizing perspective and based on Culioli's work programme.

♦ **KEYWORDS:** TOPE; cognitive level; deformability; lexical relations; linguistic complementarity.

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa. Pesquisadora do Centro de Linguística e Docente do Departamento de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: [ht.valentim@fcsb.unl.pt](mailto:ht.valentim@fcsb.unl.pt).

## 1. Falha e imaginação: dos observáveis à conceção de um nível cognitivo:

Afirma Culioli que

[...] não há linguística sem observações profundamente detalhadas; observáveis sem problemáticas; problemáticas que não conduzam a problemas; problemas sem a procura de solução; soluções sem raciocínio; raciocínio sem sistema de representação metalinguística; sistema de representação metalinguística sem operações, em particular, sem categorização; categorização sem transcategorialidade. (1999a, trad. nossa).

Estamos, por conseguinte, diante da proposta de um itinerário, que apresenta a virtude de serem os factos de língua que impõem, eles mesmos, uma metodologia. Tal metodologia é a da curiosidade, da indagação, da surpresa e da ousadia de se aceitar mover no meio da complexidade. Deste modo se formulam questões, numa tendente formalização, para se dar conta da tensão existente entre, por um lado, identidade e, por outro, variação das formas e construções linguísticas; isto é, para se dar conta da dinâmica segundo a qual os princípios de estabilidade e de deformabilidade entram numa equação nunca resolúvel senão através de um cálculo. Deste modo, numa tendente formalização, chega-se a formas de estabilização, que, construída mediante uma série de ajustamentos intersubjetivos, corresponde a uma estabilidade móvel. Aliás, a própria ideia de mobilidade é central para se entender a atividade da linguagem, que, em todos os domínios do seu funcionamento e uso, comporta variabilidade e deformabilidade.

É neste quadro que surgem os factos linguísticos, que se constituem enquanto “problemáticas”, isto é, como desafios à descrição e à explicação, sem que, para tal, sejam suficientes os procedimentos meramente classificatórios e de etiquetagem. Considera-se, neste sentido, que classificar e etiquetar formas linguísticas não só não favorece como pode obstaculizar o exercício da “racionalidade paciente”, necessária para se descrever e explicar o funcionamento da linguagem (CULIOLI, 1999a, 5).

Por conseguinte, enquanto alguém que localiza e formula as problemáticas, o linguista constrói os observáveis justamente ao destacá-los do fluxo da atividade da linguagem. Uma vez trazidos à *superfície* da observação, ganham destaque e relevância descritiva certos factos linguísticos que são, quantas vezes, os mais ignorados, ou relegados como “exceções” a uma qualquer regra, ou ainda classificados como correspondendo a usos idiomáticos ou que assumem valores enfáticos.

Quanto à variabilidade, ou estabilidade móvel, esta passa pela heterogeneidade que se regista, por um lado, na esfera lexical e, por outro, ao nível discursivo. Por outras palavras, se por um lado, é em virtude das interações no cotexto de ocorrência que se desencadeia a deformabilidade dos valores que dada forma linguística pode marcar, por outro lado, também o contexto, o uso em situação, desencadeia a variabilidade e heterogeneidade.

Em sintonia com esta abordagem dinâmica da construção da significação, Franckel (2006) refere dois aspetos da atividade da linguagem: a cotextualização e a contextualização. A mesma perspetiva dinâmica é adotada por De Vogüé (1999), mas em termos inversos, já que esta autora concebe o contexto não como exterior às formas linguísticas, mas como estando em potência nas formas linguísticas. Considera, por conseguinte De Vogüé que, para a construção da significação, é pelas formas

linguísticas que se dá a convocação do contexto. Daí decorre a proposta do conceito de *scénario*

Ora, também às vezes, a estabilidade móvel que o discurso confere aos valores construídos radica num qualquer tipo de falha ou de brecha que pode revelar uma espécie de camadas semânticas que assumem, quantas vezes, uma feição lúdica. (CULIOLI, 1999) Essa falha é fundamental para a imaginação; é, segundo Culioli, o que nos permite construir hipóteses descritivas e propor modelos explicativos, que são

A seguinte instalação da artista Dora Garcia, parece aludir a esta falha criativa.

**Imagem 1:** Dora Garcia, *Golden sentence (Il y a un trou dans le réel)*, 2005-2014  
(foto tirada no Festival da Incerteza, out.-dez 2016, F.C.Gulbenkian, Lisboa)



O “buraco no real” (“trou dans le réel”), isto é, a fenda que se abre através da arte, dá lugar ao horizonte dourado do sonho, íntimo e subjetivo. Isso nos parece indicar a “Golden Sentence”, de Dora García, em letras firmadas a folha de ouro, na frase que ocupava, isolada, a parede de fundo da exposição.

Do mesmo modo, a célebre sequência de um tema *Anthem*, de Leonard Cohen

There is a crack, a crack in everything  
That's how the light gets in

afirma a falta como condição de possibilidade. A afirmação assim destacada pode servir para lembrar que a imaginação é um modo indispensável de investigação do possível, ideia, aliás, glosada por Paul Ricoeur nas suas reflexões filosóficas sobre a imaginação.

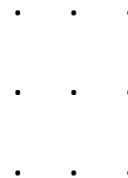
Contra a atrofia da imaginação, estes dois objetos – a instalação de Dora García e os versos de Leonard Cohen - permitem pensar sobre a falta. São expressão da intuição segundo a qual há o inacabado, o não terminado, que é condição para a recriação, também a recriação inerente à construção do conhecimento que ganhe forma em hipóteses explicativas, quer mais quer menos teorizantes. A realidade da linguagem participa, dessa condição de falha, do inacabado. Isso mesmo parece ficar atestado, por exemplo, na relação permanentemente atualizada entre o *querer dizer* (ou o *a dizer*) e o que é *dito*, por via dos ajustamentos intersubjetivos que assim lhe dão expressão. Ou

seja, a linguagem participa de uma condição instável e precária, em virtude da sua deformabilidade, plasticidade, em suma, da variação como algo que lhe é constitutivo. A linguagem é, pois, um lugar das condições de possibilidade, ou, caso contrário, deixaria de ser humana.

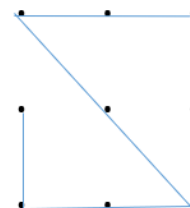
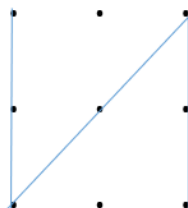
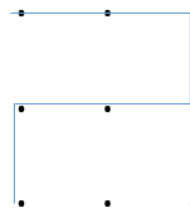
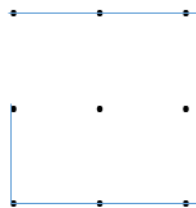
A propósito do facto de é a imaginação, decorrente da falha, o que nos permite propor modelos explicativos e construir hipóteses descritivas, o exercício, ou jogo, que se segue coloca um desafio suscetível de uma leitura analógica:

Une todos os 9 pontos

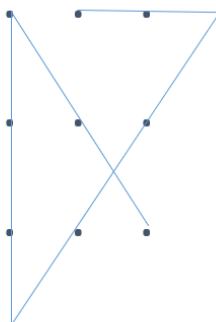
- com 4 retas
- sem levantar a caneta
- sem passar mais do que uma vez no mesmo ponto



Geralmente, as tentativas, todas elas frustradas, tendem a cingir-se a delimitar um campo, só ilusoriamente determinado pela disposição dos pontos. Eis alguns exemplos:



Porém, a “solução” requer a ousadia de se conceber outros pontos, não pré-definidos. Assim:



Com alguma imaginação, pode estabelecer-se uma analogia entre o que, neste simples jogo, representam os pontos construídos nos vértices das retas e os parâmetros metalinguísticos, ou coordenadas “de apoio”, que são de um nível não linguístico, portanto, não observável: o nível 1, de natureza cognitiva, nível das representações e das operações.

A conceção de linguagem no quadro do modelo enunciativo culioliano é, pois, a de um lugar que viabiliza que se postule, teoricamente, novas relações, de diferentes níveis; por outras palavras, em que se ouse níveis pré-linguísticos, inacessíveis e, por isso, reconstruídos.

É este procedimento metodológico de reconstrução que permite questionar os fundamentos de muitos conceitos da tradição gramatical, como sejam a fronteira entre léxico e gramática; a distinção entre classes morfossintáticas, por exemplo, de nome e de verbo, quando, para a determinação dos enunciados em termos de valores temporais-aspetuais e de modalidade, convergem as formas linguísticas em interação. Mas este procedimento metodológico também permite questionar uma certa tradição filosófica, por exemplo, a defesa da suposta transparência da linguagem, que decalcaria um referente externo. Na mesma linha de raciocínio, fica comprometida uma conceção instrumental da linguagem, como se esta se reduzisse a uma ferramenta ao serviço da expressão. Portanto, a partir do momento em que a relação estabelecível entre a chamada “realidade” e as representações linguísticas é mediada pelas representações cognitivas, altera-se a forma de se conceber a relação entre linguagem, pensamento e realidade. O que temos não é a construção de referentes, mas de valores referenciais. Esta é, conseqüentemente, a razão pela qual se adota uma perspectiva em que se transcende a conceção da linguagem como uma nomenclatura, ou seja, em que se supera a mera circularidade referencial segundo a qual, por um lado, as coisas existem e, por outro, a linguagem as nomeia.

Há formulações na literatura, em particular nos textos poéticos, em que a consciência da matéria de que esta se faz – isto é, a linguagem – resulta na expressão de intuições muito inspiradoras e convergentes com o que metalinguisticamente os linguistas formalizam enquanto propostas descritivas e explicativas. Veja-se o seguinte poema de Alberto Caeiro, heterónimo de Fernando Pessoa ([1946] 1993<sup>10</sup>, 67):

Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta.  
Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.  
Renque e o plural árvores não são coisas, são nomes.  
Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,  
Que traçam linhas de coisa a coisa,  
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,  
E desenham paralelos de latitude e longitude  
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!

Aqui, nos segundo e terceiro versos - *Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas. / Renque e o plural árvores não são coisas, são nomes.* - diz-se de um outro modo que aquilo que se representa linguisticamente começa por ser cognitivamente representado. O poema prossegue, com uma ideia muito glosada: a do hiato que, em virtude da natureza da linguagem, impende sobre nós, enquanto uma espécie, como se de uma fatalidade se tratasse. Visa-se, por conseguinte, essa distância que a linguagem representa em relação a uma suposta realidade externa.

O arranjo de formas na língua através de um jogo de relações intersubjetivas de ajustamentos e de regulação é o que permite que a linguagem, sendo de natureza simbólica, submetta o mundo, ou a realidade, a uma organização que é de natureza semântica e discursiva. A significação, por um lado, e o sentido, por outro, não são exteriores à língua. Pelo contrário, decorrem da linguagem como forma de representação e como atividade psicossocial. Provêm da dinâmica do funcionamento da linguagem e da sua manifestação nas línguas. Entende-se, nesse sentido, que, na sequência de Culioli, à linguagem subjaza um “gesto mental” (CULIOLI, 2006, 2011; FRANCKEL, 2006), que se entende “segundo um processo de transmutação de uma motricidade sensorial interiorizada em representações mentais e cujos termos linguísticos são traços verbais” (DUCARD, 2009, 68). Esta conceção de gesto mental refere-se a uma «motricidade fina do pensamento» que só existe linguisticamente, distinta das demais manifestações, ou expressões, de pensamento.

Assim se encontra expressa literariamente uma mesma intuição, no seguinte excerto de Maria Gabriela Llansol:

Herbais, 20 de Outubro de 1980

A felicidade deve estar imanente no tempo. O tempo, em si mesmo, deve ser feliz. Que dia estranho, em que julguei sentir-me uma página do tempo. Fui a um dos meus jardins e encontrei a lua cheia, como uma pessoa que eu desejasse ver. Devo ousar mais: a lua era um ser que eu desejava ver. Este meu jardim não tem muro, nem casas à volta, está disposto a crescer à medida que eu o atravessar, uma, duas, três, centenas de vezes. É um lugar? É uma fonte que comunica com o espaço? É um texto a ler? É o jardim que o pensamento permite? (2018, 23).

Mais que exclusiva de um género (o literário), esta formulação de *o jardim que o pensamento permite* pode resultar numa compreensão da atividade da linguagem em geral, dependente de um nível de elaboração cognitiva, metodologicamente (e não cronologicamente) primário.

## 2. O Delírio do verbo: deformabilidade ao nível das relações de complementaridade nocional

Atentemos, seguidamente, nalguns factos linguísticos ilustrativos do que, aqui, proponho ser o eixo condutor, traduzível em duas assunções: a de que o valor de uma forma não existe independentemente da forma simbólica, cultural ou física de a apreender; e a de que as relações lexicais não existem por si só, manifestando-se diferentemente, em função das interações cotextuais e dos usos.

Considere-se o seguinte excerto de uma circular interna da NOVA FCSH, do início da crise pandémica, em 2020, que visava enquadrar as novas circunstâncias em que decorriam as aulas: “O segundo semestre iniciará [...] em regime não presencial, devendo proceder-se ao registo das presenças à distância na plataforma.”

À construção *presenças à distância* preside uma representação cognitiva linguisticamente construída. Temos ao nível dos observáveis a aproximação num mesmo grupo nominal de duas formas que diríamos numa relação de antonímia binária (de exclusão mútua). Imposto discursivamente, o ajustamento supera o que seria um paradoxo, ou mesmo um oxímoro. Emerge, por conseguinte, uma outra noção, *presente à distância*, intensionalmente relativa à condição de quem participa numa aula, mas usando um dispositivo tecnológico que lhe permite não comparecer na mesma presencialmente. Não há um paradoxo; há, sim, uma deformabilidade das noções, isto é, uma deformabilidade em termos das relações de complementaridade: uma relação semântica de antonímia entre os as formas *presente* e *à distância* deixa de ser binária, e portanto excludente, para passar a integrar uma terceira representação, lexicalizada como *presença à distância* ou como *presente à distância*.

Veja-se como tal deformabilidade decorre dos usos linguísticos, condicionados por fatores sócio históricos e culturais, no caso, as possibilidades que se devem à evolução tecnológica associada a circunstâncias de uma pandemia e às mudanças ao nível das práticas sociais.

Um outro exemplo em que se opera uma quebra da antonímia binária regista-se por via do lexema *morto-vivo*, um nome composto por justaposição dvanda, ou, ainda do lexema seu sinónimo *zombie* (significando cadáver reanimado, do quimbundo *nzumbi*). A antonímia binária entre *vivo* e *morto*, radicada nas respetivas propriedades nocionais, regista ainda uma quebra, se considerarmos o surgimento de uma outra noção, em função, mais uma vez, de fatores socio-históricos: trata-se da noção de morte-cerebral, que faz oscilar a fronteira, em termos de complementaridade, entre as noções que lexicalizam em *vivo* e em *morto*.

Outro exemplo de deformabilidade em termos de quebra da antonímica binária pela introdução de outra forma encontra-se no seguinte excerto da autoria de George Bataille:

Inocente? Culpado? Imbecil? Mas o passado, mas o irremediável... tão velho, uma sujidade que não se pode lavar e onde temos que viver. ([1943] 2020, 17)

A complementaridade exclusiva entre *inocente* e *culpado* vê-se subvertida pela emergência de *imbecil*, num texto que ilustrará uma ousadia literária – di-lo-emos – mas

que é, acima de tudo a demonstração da irrupção de um gesto mental por via da linguagem.

Consideremos ainda o lexema, tão vulgarizado, *inverdade*, sobre o qual se diz, no Ciberdúvidas da Língua Portuguesa:

[...] na linguagem jurídica, [...] não é a mesma coisa que mentira. Uma mentira é sempre uma inverdade, mas uma inverdade pode ser ou não uma mentira. [...] Nos tribunais, por vezes, usa-se o termo inverdade como eufemismo de cortesia para com a contraparte ou seu advogado constituído; mas usa-se principalmente como termo de rigor para se significar que não se sabe se o autor duma declaração não verdadeira teve ou não a intenção ou consciência de faltar à verdade.

Ora, *mentira* pode provir de uma representação em complementaridade binária exclusiva com *verdade* ou pode provir de uma representação em complementaridade não binária com *verdade* com *inverdade*.

Em suma, presumir que a relação de antonímia binária entre *presente* e *distância*, entre *morto* e *vivo*, entre *culpado* e *inocente*, entre *verdade* e *mentira* é definitiva e estável na língua é um artefacto cognitivo. Assim como o sentido próprio das formas não pode ser definido isolando-as do contexto de ocorrência (isto é, onde esta, por via das interações aí estabelecidas, ganha significação), também a sua inscrição na rede de relações lexicais (de tipo paradigmático) depende do jogo de relações intersubjetivas que, pelos usos, enquadram as suas ocorrências. Este facto não exclui que haja associação de propriedades nocionais a uma forma linguística; apenas aponta no sentido de esse conteúdo não ser dado *a priori*; ele define-se, ganha estabilidade, nos enunciados. Mais: como nos casos atrás descritos, tal estabilidade alcançada pela enunciação desencadeia uma mudança da rede de relações lexicais.

Observemos, de seguida, uma outra ocorrência linguística:

**Imagem 2:** Inscrição na fachada de um prédio em Setúbal, Portugal



O enunciado *Será que há vida antes da morte?* ilustra um caso em que a estabilidade que o discurso confere aos valores construídos radica num qualquer tipo de falha, revelador de uma espécie de camadas semânticas, que é certamente o que nos pode suscitar um sorriso. Diremos que emerge deste enunciado uma dimensão lúdica, que é mais do que aquilo que comumente se designa por “jogo de palavras”.

Assim, tendo em conta que faz parte da representação nocional de *vida* terminar na morte (isto é, anteceder a morte) e que faz parte da representação nocional de *morte* suceder a vida, a interrogativa sugere, ou implícita, uma inversão desta ordem cronológica intensionalmente inscrita nas noções lexicalizadas em *vida* e *morte*. Opera-



se, deste modo, uma mudança ao nível da representação nocional do par lexical antonímico *vida e morte* em termos da sua ordem cronológica.

A representação nocional comum, ou seja, partilhada é a da seguinte ordem cronológica: *vida – morte – [vida]*. A última ocorrência de *vida* ocorre, nesta nossa representação, entre parênteses, porque é comumente objeto de crença, de convicção, de confiança. É por essa razão que, de um modo representacionalmente previsível, é suscetível de interrogação, a mais plausível, diremos: *Será que há vida depois da morte?*

No entanto, interrogando, como se encontra acima - *Será que há vida antes da morte?* – instaura-se uma representação nocional distinta, nomeadamente: *[vida] – morte*

### 3. Nota conclusiva

Todos factos linguísticos aqui convertidos em problemas constituem desafios à descrição, na medida em que atestam que a identidade de uma unidade não se define a partir de um qualquer sentido base, mas pelo papel específico que esta desempenha a dois níveis: por um lado, nas interações constitutivas do sentido dos enunciados em que ocorre, e, por outro lado, em função dos usos, que, por sua vez, são fortemente constrangidos por fatores socioculturais, isto é, discursivos. Não há, pois, sentido próprio ou derivado; o valor de uma unidade é sempre um potencial, não um conteúdo.

Nestes casos, em comum, verificamos a “deformabilidade” associada às noções e a forma como isso afeta as relações lexicais entretanto mobilizadas. Este constituirá um princípio para se partir para a análise mais local na busca da invariância, por exemplo.

Como glosa o poema Poema VII de “Uma didática da invenção”, de Manoel de Barros, *o verbo pega delírio*:

No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá  
onde a criança diz: Eu escuto a cor dos  
passarinhos.  
A criança não sabe que o verbo escutar não  
funciona para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um  
verbo, ele delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz  
de fazer nascimentos –  
O verbo tem que pegar delírio.  
(2010, 309)

Sem ser de uma forma poética, diremos que, concebida no quadro teórico-metodológico culioliano, a linguagem é, por excelência, a atividade humana em que, de acordo com uma coerência conferida pelas interações no contexto linguístico e pelos



usos, no discurso, é possível postular novas relações, isto, modular a significação construída e criar novos efeitos de sentido.

Se Manoel de Barros, nesta definição de uma poética, o diz desta forma, aludindo ao “delírio do verbo”, é porque, como afirma Pêcheux, “o poético não está fora da linguagem; não é algo restrito a um conjunto de efeitos especiais a ser usado em determinadas ocasiões. Pelo contrário, pode-se conceber como uma propriedade da ordem da língua essa capacidade de deslizamento poético - um deslizamento que acontece no corpo da língua, na sua materialidade significante” (2004, 43).

## REFERÊNCIAS

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations** 2, Paris, Éditions Ophrys, 1999a.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations** 3, Paris, Éditions Ophrys, 1999b.

DUCARD, D. O grafo do gesto mental na teoria enunciativa de A. Culioli. **Letras de Hoje**, vol. 44, n° 1, A enunciação em perspectiva, Porto Alegre, p. 64-71, 2009.

FRANCKEL, J.-J. Situation, contexte et valeur référentielle. In **Pratiques** n° 129/130, p. 51-70, 2006.

DE VOGÜÉ, S. Construction d'une valeur référentielle: entités, qualités, figures. In **La référence 2, Travaux linguistiques du Cerlico**, 12. Presses Universitaires de Rennes, p. 77-106, 1999.

PÊCHEUX M, GADET, F. **A língua inatingível: o discurso na história da lingüística**. Campinas, Pontes. 2004.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. **Poesia completa**. Lisboa, Caminho, 2010.

BATAILLE, G. **O Pequeno**. Lisboa, Sr. Teste, [1943] 2020.

PESSOA, Fernando O Guardador de Rebanhos. In **Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa**. Lisboa, Ática, [1946] 1993<sup>10</sup>.

LLANSOL, M. G. **Herbais foi de silêncio. Livro de horas VI (Herbais-Mucifal, 1980-1985)**. Lisboa, Assírio & Alvim, 2018.

**Recebido em julho de 2022.  
Aprovado em agosto de 2022.**

## Como citar este trabalho:

---

VALENTIM, H. T. *O delírio do verbo*. Uma reflexão em torno de características teórico-metodológicas da TOPE. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 2, p. 89-98, 2021.

---